

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

**FONTES JORNALÍSTICAS EM O ESTADO DE S. PAULO: ANÁLISE DA
COBERTURA DAS NEGOCIAÇÕES DE PAZ NA COLÔMBIA¹
JOURNALISTIC SOURCES IN O ESTADO DE S. PAULO: ANALYSIS OF
COVERAGE ON PEACE NEGOTIATIONS IN COLOMBIA**

Simone Philipsen², Angela Zamin³

¹ Projeto de pesquisa "A crítica das práticas no interior do sistema jornalístico" (Pibic/CNPq/UFSM) realizado no curso de Jornalismo da UFSM-FW.

² Bolsista Pibic/CNPq. Acadêmica do Curso de Jornalismo da UFSM-FW. E-mail: mone.phil@hotmail.com

³ Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM-FW. Coordenadora da pesquisa "A crítica das práticas no interior do sistema jornalístico" (Pibic/CNPq/UFSM). Líder do Resto ? Laboratório de Práticas Jornalísticas (CNPq/UFSM). E-mail: angelazamin@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de investigação acerca das fontes acionadas por *O Estado de São Paulo* durante as negociações de paz na Colômbia no período 2012-2017. Este conflito é o mais longo do continente americano, com mais de meio século de duração: 52 anos completados em 2016 quando as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) chegaram a um acordo de paz com o governo. O conflito interno colombiano, contudo, envolve outros grupos guerrilheiros, como o Exército de Libertação Nacional (ELN), além de narcotraficantes, grupos paramilitares e outros.

O ponto de partida para a pesquisa foi um mapeamento de todos os textos informativos publicados na editoria de Internacional do jornal de referência brasileiro durante o período da negociação de paz. Localizamos 377 textos entre notas, notícias, reportagens, reportagens especiais, entrevistas e perfis, em 326 edições do jornal. Em 37 destes textos não havia nenhuma fonte. Por fim, por meio de um Protocolo de Análise de Fontes, chegamos a 832 fontes divididas em categorias e grupos.

DAS CATEGORIAS DE FONTES

Para distribuímos as fontes em categorias, nos baseamos em Santos (1997) que recupera vários estudos sobre fontes jornalísticas, entre eles o proposto por Ericson et al que dividem as fontes em: Jornalistas, Porta-vozes de instituições e organizações governamentais, Porta-vozes de instituições e organizações não-governamentais, Cidadãos individuais, Documentais e Não específicas. Estas categorias serviram para construirmos um Protocolo de Pesquisa de Análise de Fontes, com base na proposição de Fonseca Junior (2009). No formulário de codificação consideramos as seguintes categorias e grupos:

- a. Jornalísticas: Jornalista, Agência e Meios-fonte.
- b. Institucionais e organizacionais governamentais: poderes Executivo,

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

- Legislativo e Judiciário, Polícia, Religiosa, Organização intergovernamental e outras.
- c. Institucionais e organizacionais não governamentais: Grupo armado, ONG/OING, Empresarial, Associação, Sindical e outras.
 - d. Individuais: Especializada, Testemunhal, Ocasional e Personalidade Política.
 - e. Documentais: Governamentais e Não Governamental.
 - f. Não específicas: fontes sem identificação.

As 832 fontes identificadas estão assim distribuídas: 82 fontes jornalísticas (10% do total); 353 fontes institucionais e organizacionais governamentais (42%); 112 institucionais e organizacionais não governamentais (13%); 171 individuais (21%) e 114 documentais (14%).

SOBRE AS FONTES JORNALÍSTICAS

As fontes são essenciais para a apuração jornalística que antecede a produção do texto jornalístico, pois elas apresentam ou confirmam os dados aos repórteres. Conforme Sigal (apud SANTOS, 1997), o jornalista raramente está em posição de testemunhar algum fato e, por isso, tende a fazer com que outros descrevam as ocorrências. Mesmo que estejam cobrindo diretamente algum acontecimento, ouvem fontes e trazem as versões delas sobre os fatos. Para Santos (1997, p. 23), “a escolha entre relatos determina a natureza da ocorrência ou o acontecimento, e ao mesmo tempo, o grau de reordenamento dos acontecimentos passados, prioridades de mudanças e tomadas de decisões”. Compreendemos, portanto, que o jornalista escolhe diferentes fontes para produzir seus relatos, dependendo do objetivo da matéria.

a. Fontes jornalísticas:

Essa categoria aponta para o jornalismo como fonte do jornalismo. Jornalistas acionam o trabalho de outros jornalistas e de outros meios de comunicação para usarem como fonte. No jornalismo internacional é recorrente a prática de empregar como fonte uma agência de notícia ou um meio-fonte do país de que se fala, por disporem de mais informações. Os meios-fonte são jornais, rádios, revistas, emissoras de TVs, etc. que são usadas como referência dentro dos meios de comunicação. Deste modo, uma parte considerável da informação jornalística procede dos seus pares. É o jornalismo citando a si mesmo. “Os meios orientam suas atuações, públicas ou não, um a partir do outro. Para além dessa orientação, Borrat (1989) identifica a ocorrência de uma apropriação do conteúdo de um meio por outro, sinalizada no interior do texto jornalístico. Nesses casos, designa de meios-fonte as mídias indicadas por outras como origem de uma informação” (ZAMIN, 2011, p. 253).

As agências de notícia marcam presença no jornalismo internacional de forma significativa. De acordo com Espinosa de Los Monteros (1998), as agências, desde seus primórdios, no século XIX, mantêm uma atividade econômica de venda de informações. A compra de textos informativos das agências facilita na cobertura do jornalismo internacional por substituir o trabalho de um

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

correspondente ou enviado.

No estudo realizado, identificamos 82 fontes jornalísticas, sendo 71 menções a meios-fonte, 10 a agências e uma a jornalista (“[...] disse Uribe a jornalistas”). Entre os meios-fonte, 61 (ou 71%) são colombianos – em 14 ocasiões a identificação é genérica: “imprensa local”, meios de comunicação colombianos”, “imprensa de Bogotá” – e dez de outros países. Destes, três são latino-americanos, *Telesur*, *Búsqueda* e *Veja*, e cinco estadunidenses ou europeus, *Whashington Post*, *Univisión*, *The Guardian*, *The Economist* e *El Mundo*. Entre as agências, *France-Presse* é mencionada cinco vezes; seguida da estadunidense *Associated Press*, três vezes; da inglesa *Reuters*, uma, e da cubana *Prensa Latina*, também uma vez.

b. Fontes institucionais e organizacionais governamentais:

Fontes oficiais correspondem às falas de pessoas com cargos públicos, sejam do Legislativo, Executivo ou Judiciário, sejam organizações como juntas comerciais, cartórios de ofício ou companhias públicas, ou, ainda, instituições intergovernamentais, como ONU ou FMI. Essas fontes são muito mencionadas no jornalismo por dar uma “versão oficial” dos fatos. Para Schmitz (2011, p. 9), “são as preferidas dos jornalistas, pois suas ações e estratégias têm impacto direto no interesse público, pela sua capacidade e poder de influência, acesso facilitado e sistemático às pautas da mídia”.

Em nossa análise encontramos 353 fontes governamentais de um total de 832, o que corresponde a 42% das fontes usadas. Somente o presidente da Colômbia é citado 91 vezes (entrevistas, pronunciamentos e declarações pela conta oficial do *Twitter*). Outro ponto interessante ainda dentro desta categoria é que apenas 22 dessas fontes são mulheres, contra 272 masculinas. Ainda, 59 fontes designadas genericamente.

c. Fontes institucionais e organizações não governamentais:

Essa categoria representa todas as fontes que não têm ligações com o governo: porta-vozes de ONGs e OINGs, entidades e guerrilhas, no caso específico desta pesquisa. Identificamos 112 fontes desta categoria, sendo 16 entidades, sete OINGs e 89 guerrilheiros. Deste último grupo, 85 fontes são guerrilheiros ou representantes das Farc e outras quatro do ELN. É curioso observar que mesmo as matérias versando sobre a negociação de paz entre governo e guerrilha, esse número é bem menor do que as fontes do governo, que são 320.

d. Fontes individuais:

Essa categoria compreende as fontes que falam por si. Para Schmitz (1997 p. 4), “ainda que os *experts* geralmente se manifestem por si, representam uma especialidade, um conhecimento reconhecido, por isso merecem uma tipificação à parte; assim como a ‘fonte testemunhal’, por não defender uma causa própria”. Às fontes testemunhais “cabe, sobretudo comunicar a experiência de ter visto ou vivido uma situação extrema, ou seja, descrever. [...] são consideradas aquelas que presenciaram o fato, que participaram diretamente da sua causa ou sofreram as consequências

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

dele” (AMARAL, 2015, p. 50).

Inicialmente, dividimos a categoria em três grupos: especializadas, testemunhais e ocasionais. Entretanto, durante a categorização percebemos a necessidade de incluir mais um grupo, as personalidades políticas, que designa os personagens que não ocupam cargos no governo, como ex-presidentes, ex-parlamentares, presidentes de partidos políticos.

Identificamos 171 fontes individuais. Nessa categoria, a maior parte é especializada, 69, enquanto o número de testemunhais e de ocasionais é equivalente, 32 em cada grupo. Ainda, há 38 personalidades políticas. Considerando a duração e o impacto do conflito, o período da análise (2012-2017) e o número total de fontes identificadas – se considerarmos os 340 textos jornalísticos em que há fontes, há uma média de 2,5 fontes por texto –, o número de fontes testemunhais trazidas pelo jornal brasileiro é reduzido. Podemos supor que, por medo de serem expostas e identificadas, algumas vítimas do conflito interno colombiano preferem não aparecer. Quanto ao gênero, 115 são homens e 41 mulheres; as demais são genéricas.

e. Documentais:

Dentro dessa categoria havia quatro grupos: documentos do acordo de paz; documentos governamentais, como comunicados oficiais, notas, etc., emitidos pelo governo não só colombiano, como também de outros países; documentos das guerrilhas e, por fim, outros documentos usados como fontes. Percebemos aqui novamente que a “versão oficial” é mais procurada pelo jornalismo, quando a grande maioria de documentos usados como fonte é governamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As fontes e não os jornalistas são responsáveis pela exactidão dos fatos” (SOLOSKY, 1999, p. 96 apud OLIVEIRA, 2012, p. 49 [grafia original]). A partir disso podemos entender o cuidado do jornalista, e do jornalismo, na escolha das fontes para compor as. Para Oliveira (2012), a objetividade no jornalismo pode ser considerada como uma das normas mais importantes porque funciona como uma das técnicas que contribuem para legitimá-lo. A partir da objetividade fluem a seleção das fontes, a forma e o conteúdo, entre outros. Ainda segundo a autora (2012, p. 49), “alguns estudos têm mostrado que a invocação da objetividade ajuda a proteger a integridade das organizações jornalísticas e seus profissionais”.

A atualidade jornalística é resultado da ação e da interação de dois agentes sociais: o jornalista e a fonte. O primeiro domina um conjunto de procedimentos que permitem ao Jornalismo constituir lugares de proposição de sentidos. O segundo, as fontes, auxiliam no relato, sem, contudo, deixar de marcar posições e interesses, especialmente as “oficiais”. Há diferentes modalidades de fontes instituídas pelo saber jornalístico, que transferem ao jornalista ausente a autoridade de quem presenciou os acontecimentos. Na cobertura das negociações de paz na Colômbia empreendidas por *O Estado de S. Paulo*, identificamos a preferência por fontes governamentais sobre as não governamentais – o que é recorrente no jornalismo –, de especialistas sobre testemunhas –

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

também recorrente – e de meios-fonte sobre agências de notícia – quando o contrário geralmente acontece. Ainda, a maioria das fontes são homens.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. Fontes testemunhais, autorizadas e experts na construção jornalística das catástrofes. **Líbero**, v. 18, n. 36, p. 43-54, jul./dez. de 2015. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/12/Marcia-Franz.pdf>>.

ESPINOSA DE LOS MONTEROS, Guillermo G. Periodismo Internacional, Corresponsales y Testimonios sobre el Extranjero. **Foro Internacional**, n. 152-153, México: Hemeroteca Virtual Unam, 1998. p. 415-426. Disponível em: <http://codex.colmex.mx:8991/exlibris/aleph/a18_1/apache_media/2ABM9V9CHVIEUG92B8Q869C5KJ7X4I.pdf>.

FONSECA JÚNIOR, Wilson C. **Análise de Conteúdo**. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280-304.

OLIVEIRA, Cândida. **Credibilidade no discurso jornalístico**: tradição e autoridade nos editoriais da *Folha de S. Paulo* no marco de seus 90 anos. Dissertação, Mestrado em Jornalismo, UFSC. Florianópolis, 2012.

SANTOS, Rogério. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011. Disponível em: <http://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Comunicacao/Fontes_noticias.pdf>.

ZAMIN, Angela. Meios-fonte nas páginas de internacional de *O Estado de S. Paulo*. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 250-261, dez. 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/7049/6071>>.